

# Seixas espera aviso de Gros

**Brasília** — O presidente do Banco Central, Francisco Gros, ainda não respondeu ao pedido de demissão feito pelo diretor da dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, que ontem ainda participou da reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN). Na saída da reunião, Seixas não confirmou nem negou informações de que teria deixado o cargo. Anunciou, contudo, que não irá mais à reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que começa domingo, em Miami.

Fontes do Banco Central confirmaram o pedido de demissão de Seixas, que agora só espera a definição do presidente do Banco Central. As possibilidades de permanência de Seixas no cargo são bastante remotas, já que não há mais clima de entendimento entre ele, Gros e o Ministério da Fazenda.

Seixas chegou a comentar com estes amigos que as possibilidades do Brasil conseguir um bom acordo são muito remotas, porque o governo não possui qualquer projeto para a negociação, mas apenas propostas de renegociação política, que não têm sensibilizado os banquei-

ros internacionais. “Os banqueiros vão rir na cara dele (Gros)”, teria dito.

As divergências de Seixas com o presidente do Banco Central e a equipe do Ministério da Fazenda se acentuaram nas negociações com os bancos credores em Nova Iorque, no início do mês. Gros e Funaro concentraram todas as informações, praticamente isolando Seixas das conversações.

O isolamento de Seixas, que permaneceu no cargo a pedido de Fernão Bracher, que achava fundamental que ficasse alguém com experiência em negociação da dívida, é hoje demonstrado no Ministério da Fazenda. Técnicos da equipe de Funaro comentavam ontem que seria melhor que ele deixasse o cargo, porque “tem um espírito de banqueiro e segue o mesmo estilo de Bracher, que sempre defendeu a negociação e o pagamento da dívida”.

— O Seixas está mais para diretor do Bank of America do que do Banco Central. Não é que ele não seja honesto, pelo contrário. O problema é que já trabalhou em bancos americanos e tem outra visão da negociação da dívida externa — observou um assessor da Fazenda.